

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:

A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO TEATRO DE ANIMAÇÃO

Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 346 - 359, dez. 2020

E - ISSN: 2595.0347

Vozes femininas no Babau

Amanda de Andrade Viana

Cia Boca de Cena (João Pessoa, Brasil)



Figura 1 - As Fofoqueiras de Artur Leonardo.
Foto: Anderson Santana - Acervo Cia Boca de Cena.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020346>

Resumo: O presente trabalho é um relato parcial sobre a pesquisa que está sendo realizada pelo grupo paraibano de teatro de bonecos Cia Boca de Cena. A pesquisa propõe uma reflexão sobre as vozes femininas que permeiam o universo do teatro de bonecos popular nordestino, especificamente na Paraíba. A coleta de dados partiu da observação participante e do trabalho de três bonequeiros que foi analisado durante suas apresentações de Babau no projeto “Benedito e João Redondo Pelas Ruas da Cidade”.

Palavras-chave: Babau. Vozes femininas. Paraíba. Mamulengo. Mulheres.

Female voices in Babau

Abstract: The present work is a partial report on the research being carried out by the puppet theater group Cia Boca de Cena from Paraíba. The research proposes a reflection on the female voices that permeate the universe of the popular Northeastern puppet theater, specifically in Paraíba. The data collection was based on participant observation and the work of three puppeteers that was analyzed during their Babau presentations on the “Benedito and João Redondo Through the City Streets” project.

Keywords: Babau. Female voices. Paraíba. Mamulengo. Women.

Apresentação

Este é um relato sobre o trabalho de pesquisa desenvolvido na Paraíba pelo grupo de teatro de bonecos Cia Boca de Cena com objetivo central de identificar, nas brincadeiras de Babau, quem são as personagens femininas e quais são os lugares ocupados por elas nas narrativas dos bonequeiros populares paraibanos.

Inicialmente, considero importante explicar ao leitor o que é Babau, tendo em vista que em outras regiões do País esta nomenclatura pode se configurar como uma expressão popular ou um personagem específico de âmbito folclórico.

Babau nada mais é do que um dos nomes dado ao teatro de bonecos popular do Nordeste do Brasil, o qual a maioria das pessoas o conhece pelo nome de Mamulengo: um teatro tipicamente brasileiro que se tornou patrimônio cultural imaterial¹ do Brasil, em Março de 2015, pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Assim afirma Izabela Brochado:

Mamulengo, Babau, João Redondo e Cassimiro Coco são denominações para o teatro de bonecos popular praticado na região Nordeste, cujos nomes estão relacionados respectivamente aos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará (BROCHADO, 2014, p. 23).

A Cia Boca de Cena é um dos grupos mais representativos na pesquisa dessa linguagem na Paraíba, onde ao longo de sua trajetória realiza projetos e ações que buscam investigar e disseminar a arte bonequeira em sua região, sendo destaque nacional em ações de salvaguarda para a manutenção desta brincadeira popular para as futuras gerações².

¹ Os detalhes e documentos sobre o registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste - que está inscrito no Livro de Formas e Expressões – como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil podem ser acessados através do endereço eletrônico: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/508/>.

² Exemplo de reconhecimento do trabalho realizado pela Cia Boca de Cena foi ter sido contemplada com o Prêmio Boas Práticas de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial através do Edital PNPI 2015 no qual o IPHAN valoriza e reconhece ações bem sucedidas de valorização de bens culturais imateriais no território nacional. Detalhes sobre o processo em: http://portal.iphan.gov.br/editais/detalhes/78/edital-pnpi-2015-premio-boas-praticas-de-salvaguarda-do-patrimonio-cultural-imaterial_

A pesquisa

A pesquisa da Cia busca uma reflexão atenta sobre as vozes intrínsecas na construção social e dramática das figuras cênicas, em meio ao universo masculinizado do qual ainda é constituído o teatro de bonecos popular do Nordeste.

O processo foi iniciado há alguns anos e teve como ponto de partida várias inquietações, entre elas, as necessidades de saber: quem eram as mulheres que alimentavam a memória oral dos brincantes? Como estas memórias eram repassadas para as brincadeiras? Por que as mulheres eram sempre representadas por homens e nunca por mulheres bonequeiras?

Tais questionamentos ajudaram a dar um rumo ao processo de pesquisa, que foi organizado e planejado a partir da observação participante das brincadeiras dos mestres bonequeiros durante suas participações nas três etapas do projeto “Benedito e João Redondo pelas Ruas da Cidade”³.

O projeto em questão foi desenvolvido nas cidades paraibanas detentoras de brincantes de Babau, atuantes ou não, mas que foram identificadas pelos bonequeiros como rota de passagem para suas apresentações⁴.

Neste sentido, durante aproximadamente três anos consecutivos foram realizadas cerca de 30 apresentações, que contou com a participação de 15 mestres bonequeiros mais o grupo artístico da Cia Boca de Cena.

Inicialmente foram abordadas três questões:

1– A identificação das personagens mais utilizadas pelos bonequeiros nas apresentações;

2– As características sociais dessas personagens;

3– A opinião dos bonequeiros em relação a essas personagens femininas.

Ressalto também que, para este relato, foram selecionadas as observações realizadas sobre as brincadeiras específicas dos bonequeiros Mestre Clóvis, Mestre Vaval e Artur Leonardo. Os critérios para a seleção foram a faixa etária dos bonequeiros, seu processo de aprendizagem e seu tempo de

³ Os registros audiovisuais das duas etapas do projeto podem ser conferidos em: <https://www.youtube.com/watch?v=zXMX7wsr1t0> e https://www.youtube.com/watch?v=OIXab_tYZ1c

⁴ O acesso a mais relatos sobre o projeto está no artigo “Benedito e João Redondo pelas ruas da cidade – patrimônio imaterial, manutenção e fomento”, publicado pela revista “Educação Patrimonial: práticas e diálogos interdisciplinares”: https://issuu.com/daniellalira/docs/caderno_tematico_06.

trabalho na arte de brincar de Babau. Estes critérios precisaram ser estabelecidos para que fosse possível se fazer uma melhor análise temporal, social e contextual do objeto de pesquisa.

Os bonequeiros

Mestre Clóvis (56 anos) é natural da cidade de Guarabira, localizada na região do brejo paraibano e que possuía na época da pesquisa o maior número de bonequeiros atuantes (03). Segundo o bonequeiro, seu processo de aprendizagem se deu por convivência comunitária com outros brincantes da região, como o bonequeiro professor Chaves (falecido). Foi com eles que Clóvis aprendeu as passagens (cenas), os nomes dos personagens e também a confeccionar bonecos. Seu tempo no ofício de brincante de Babau chega a mais de 30 anos, pois começou a se dedicar a sua arte desde a juventude.

Artur Leonardo (45 anos) é natural de João Pessoa, mas sua infância e juventude se deram nas cidades de Mari e Guarabira. Assim como Clóvis, Artur também aprendeu a brincar Babau a partir de sua convivência com outros brincantes, como seu Luís do Babau e o próprio Clóvis, ambos de Guarabira. Porém, Artur tem uma formação técnica em teatro e é advindo de uma geração de novos brincantes, em que trabalha a essência do Babau em contextos atuais. Seu tempo de ofício denota aproximadamente uns 25 anos.

Mestre Vaval (36 anos) é natural da cidade João Pessoa, filho do mestre bonequeiro Joaquim Guedes (falecido). Ele é considerado um herdeiro tradicional da brincadeira por seu processo de aprendizagem partir de uma transmissão geracional hereditária. Segundo Vaval, ele aprendeu a brincar aos 7 anos de idade ao acompanhar seu pai nas apresentações, começando como ajudante dentro da empanada, assumindo o ofício após o falecimento do mestre. Vaval é mais jovem do que Artur em idade, porém, na brincadeira de Babau, ele possui mais tempo de vivência e atuação.

As personagens femininas mais brincadas

No trabalho dos três bonequeiros citados é possível ver semelhanças no número de personagens femininas (em comparação aos personagens masculinos) e nos conflitos explorados nas narrativas, onde é comum

encontrarmos a busca por um matrimônio, o medo do pai capitão João Redondo e o preconceito aos cultos de origem afro.

Já as diferenças podem ser observadas na abordagem dos conflitos e na forma como cada bonequeiro resolve as questões em cena. Abaixo estão algumas dessas personagens e suas características pessoais na brincadeira:

Bonecas do Mestre Clóvis

Florisbela (Figura 2) - Manipulação por Clóvis: Uma velha com características grotescas que está em busca de um marido. Os homens, por sua vez, não se mostram interessados na velha até descobrirem que ela é rica e que possui muitas posses (terras), daí o jogo se dá na escolha da velha por um parceiro.



Figura 2 - Florisbela de Mestre Clóvis.
Foto: Artur Leonardo - Acervo Cia Boca de Cena.

Dançarina (Figura 3) - Manipulação por Clóvis: Uma boneca de pano que sempre entra em cena com a função de dançar e divertir algum personagem masculino. Não há um texto específico para sua aparição em cena.



Figura 3 (esq.) - Dançarina de Mestre Clóvis. Foto: Artur Leonardo - Acervo Cia Boca de Cena.
Figura 4 (dir.) - Quitéria de Mestre Clóvis. Foto: Artur Leonardo - Acervo Cia Boca de Cena.

Quitéria (Figura 4) - Manipulação por Clóvis: Filha do Capitão João Redondo e namorada de Benedito, moça pura e arteira. Vive um namoro às escondidas por medo da ignorância de seu pai, pois ele jamais permitiria seu namoro com um vaqueiro da fazenda.

Bonecas de Artur Leonardo

Rosinha (Figura 5) - Manipulação por Amanda Viana: É a filha do Capitão João Redondo, uma moça aparentemente ingênua e sensível, porém cheia de vontades e politizada, possuidora de empoderamento feminino e namorada do negro Benedito.



Figura 5 - Rosinha de Artur Leonardo. Foto: Anderson Santana - Acervo Cia Boca de Cena.

As Fofoqueiras (Figura 1) - Manipulação por Amanda Viana: Bonecas que falam da vida alheia e que sabem de tudo que acontece na vida dos outros personagens da brincadeira, gostam de fazer julgamentos próprios e de espalhar falsas notícias.

Maria Cafumbú (Figura 6) – Manipulação por Amanda Viana: Uma senhora poderosa, mãe do Cabo 70, parteira e capaz de desvendar segredos. É a única que manda no Capitão João Redondo e possui uma ligação direta com os santos sagrados do cristianismo e com as entidades do candomblé.



Figura 6 - Maria Cafumbú de Artur Leonardo.
Foto Anderson Santana - Acervo Cia Boca de Cena.

Bonecas do Mestre Vaval

Quitéria (Figura 7) - Manipulação por Vaval: Boneca negra mãe de Benedito. Sua função é dar conselhos ao filho de como se comportar com o Capitão João Redondo.

Creusa (Figura 8) - Manipulação por Vaval: É a noiva de Benedito e filha do Capitão João Redondo. Uma moça pura e ingênua que vive um romance escondido com o vaqueiro, até que seu pai descobre e obriga o rapaz a se casar com sua filha em nome da honra da família e dos bons costumes.

Maria Catimbozeira (Figura 9) - Manipulação por Vaval: Boneca de pano, com indumentárias de candomblé e cantos de orixás. Na sua entrada em cena, geralmente os demais personagens demonstram medo ao culto afro. Ela também tem a função de resolver problemas masculinos com uso de oferendas às entidades sagradas.



Figura 7 (esq.) - Quitéria de Mestre Vaval. Foto: Amanda Viana - Acervo Cia Boca de Cena.
Figura 8 (dir.) - Creuza de Mestre Vaval. Foto: Amanda Viana - Acervo Cia Boca de Cena.



Figura 9 - Maria Catimbozeira de Mestre Vaval.
Foto: Amanda Viana - Acervo Cia Boca de Cena.

A análise

A tradição das brincadeiras de Babau retrata em sua essência a organização sociocultural de onde elas advêm, cada brincante cria ou recria a brincadeira de acordo com sua memória cultural e seu estado presente. Segundo Paul Zumthor:

A tradição é a série aberta, indefinidamente estendida, no tempo e no espaço, das manifestações variáveis de um arquétipo. Numa arte tradicional, a criação ocorre em performance: é fruto da enunciação – e da recepção que ela se assegura. Veiculadas oralmente, as tradições possuem, por isso mesmo, uma energia particular – origem de suas variações. Duas leituras públicas não podem ser vocalmente idênticas nem, por tanto, ser portadoras do mesmo sentido, mesmo que partam de igual tradição (ZUMTHOR, 1993, p. 143).

Dessa forma, observamos que os bonequeiros trazem nas suas brincadeiras elementos tradicionais como as características de suas personagens, mas em dado momento, elas estão sendo recriadas de acordo com a performance de cada indivíduo em relação à resposta do seu público.

É possível vermos a mesma cena em muitas brincadeiras, porém os “jeitos” como elas são apresentadas são diversos. Não há um roteiro fixo a ser seguido e, muitas vezes, a reação do público é determinante para a conclusão do conflito abordado pelo bonequeiro na cena.

Segundo Mestre Vaval, “a personagem Maria Catimbozeira foi criada por meu pai em referência ao Culto da Jurema⁵. Na brincadeira ela tanto pode aparecer como uma personagem muito forte, que causa medo ao Capitão João Redondo, como pode ser perseguida por sua toada de xangô”.

Já Mestre Clóvis nos explicou que a sua personagem Florisbela, faz muito sucesso porque “ela vem mostrar aos homens como eles são interesseiros e que o dinheiro compra as pessoas”.

O bonequeiro Artur traz na sua personagem Rosinha, a essência do arquétipo de uma mocinha do interior dos tempos antigos, mas recria a sua personalidade tornando-a uma representação das jovens atuais, muito crítica e conhecedora de seus direitos.

⁵ Tradição religiosa cultuada na Paraíba, de origem indígena, com influências dos cultos cristãos e afro-brasileiros.

Outra questão observada é que, na maioria das vezes, quem manipula e dá voz a essas personagens femininas são os próprios homens, eles colocam à sua maneira uma visão estereotipada do ser mulher. E ao questionarmos o porquê da ausência de mulheres bonequeiras para o ofício, ainda hoje, duas respostas nos chamaram atenção: a primeira relata a falta de interesse das mulheres de aprenderem a brincadeira e a segunda está na falta de incentivos para que uma mudança aconteça.

É sabido que o movimento de mulheres bonequeiras pelo Brasil é crescente, todavia, o contexto desta pesquisa, a realidade relacionada ao universo do “Babau paraibano” não é significativa. O número de mulheres bonequeiras populares é desigual, principalmente se compararmos ao número de brincantes em outros estados nordestinos como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte.

A Paraíba é um dos estados com menor número de brincantes atuantes e seu ritmo de produção de brincadeiras é muito mais lento. Não há incentivo contínuo dos órgãos públicos para a manutenção e passagem da brincadeira para as futuras gerações. Como consequência, cresce em algumas comunidades um desinteresse da juventude pelas tradições populares.

Na contramão dessa falta de incentivo público, a Cia Boca de Cena através do seu projeto “Benedito e João Redondo pelas Ruas da Cidade” estimulou a movência e a participação feminina na brincadeira. Durante a passagem do mesmo por algumas localidades, muitas meninas mostraram interesse em aprender o Babau. Acreditamos que a presença de uma bonequeira na formação artística da Cia Boca de Cena se configura como um incentivo à participação de outras mulheres neste universo.

Segundo Artur, “o trabalho que está sendo desenvolvido pela Cia em relação à participação das mulheres do grupo nas brincadeiras de Babau parte da valorização do trabalho da mulher desde o seu direito a manipular suas próprias personagens, não cabendo aos homens dar voz à mulher; elas têm sentimentos e conflitos próprios e isto reflete na criação das narrativas”.

Ao analisarmos as brincadeiras dos bonequeiros Clóvis, Artur e Vaval vemos que o processo de atualização acontece e que cada um, a seu modo, vai

recriando suas passagens (cenas), abrindo espaço para que outros elementos possam ser inseridos dentro da tradição oral.

Considerações finais

É perceptível que as variáveis que envolvem o processo de criação das narrativas influenciam nas mudanças conceituais das brincadeiras e, à medida que o bonequeiro acessa sua memória coletiva, ele vai adequando as histórias contadas ao seu momento presente. Está evidente que este é um processo longo, individual e dependente do contexto cultural no qual o bonequeiro esteja inserido, pois quanto mais informações lhe chegam maior é seu processo de mudança.

Hoje já conseguimos ver em muitas apresentações de Babau menos violência, exploração da figura feminina e mais respeito à diversidade racial, muito embora questões de racismo e intolerância de gênero e religiosa ainda povoem a memória de muitos brincantes.

Segundo Walter Benjamin, “No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência” (1994, p. 169). E acho que é isso que acontece, a cada momento a história renova-se. Alguns costumes se modificam, outros permanecem e assim a manutenção da existência humana continua.

Quanto à participação da mulher como bonequeira no Babau da Paraíba, nota-se que ainda é muito tímida. Nos faltam referências, já que quase tudo que foi feito até o momento foi criado a partir do imaginário masculino sobre a mulher. Apesar disso, a pesquisa continua e esperamos encontrar muitos caminhos para fortalecer a participação feminina na brincadeira, apresentando para quem adentrar a este mundo mágico as mulheres que fazem parte dessa história.

Esperamos que esta pesquisa possa impulsionar a curiosidade de outros pesquisadores e que sua continuidade possibilite a descoberta de outros elementos, a fim de subsidiar um baú de memórias sobre as vozes femininas do Babau da Paraíba.

Referências

- BROCHADO, Izabela. *Registro do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste - Mamulengo, Cassimiro Coco, Babau e João Redondo: Dossiê Interpretativo*. Brasília: Iphan, 2014.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Schwarcz LTDA, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CIA BOCA DE CENA. *Documentário Benedito e João Redondo pelas Ruas da cidade – 1ª Etapa*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=iTbLfJML-Og>. Acesso em: 20 jun.2020.
- _____. *Documentário Benedito e João Redondo pelas Ruas da cidade – 2ª Etapa*. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=OIXab_tYZ1c. Acesso em: 20 jun.2020.
- IPHAN. *Teatro de Bonecos Popular do Nordeste*. Processo de registro. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1206>. Acesso em: 20 jun.2020.